

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

MEMÓRIAS DE CAPITU: PERSPECTIVAS

**TEFÉ
2024**

DANIELE CUNHA DOS SANTOS

MEMÓRIAS DE CAPITU: PERSPECTIVAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras, no Centro de Estudos Superiores de Tefé, da Universidade do Estado do Amazonas, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Me. Kenedi Azevedo Santos

TEFÉ
2024

DANIELE CUNHA DOS SANTOS

MEMÓRIAS DE CAPITU: PERSPECTIVAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Amazonas, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Aprovado em 08 de julho de 2024.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Me. Kenedi Santos Azevedo
Universidade do Estado do Amazonas - UEA
Orientador

Prof. Dra. Maria Ozana Lima de Arruda
Universidade do Estado do Amazonas - UEA
Membro1

Prof. Me. Renato Régis Barroso
Universidade do Estado do Amazonas - UEA
Membro2

MEMÓRIAS DE CAPITU: PERSPECTIVAS

Daniele Cunha dos Santos¹
Kenedi Azevedo Santos²

RESUMO: Neste trabalho, objetivou-se visualizar as relações intertextuais existentes nas obras *Capitu Memórias Póstumas* (2005), de Domício Proença Filho, e *A Audácia dessa Mulher* (1999), de Ana Maria Machado, com a obra *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis. A partir da literatura de segunda mão se deu a criação de tais obras, enquanto a de Proença Filho em sua narrativa trabalha diretamente com a versão de Machado de Assis trazendo uma releitura do clássico romance e dando voz à enigmática personagem Capitu, a de Maria Machado trabalha com a história real e em parte ficção mesclando o passado e o presente, questionando a história contada por Bentinho e buscando desvendar a verdade por trás da imagem de Capitu como adúltera. Assim, o foco maior desse artigo está em abordar a representação da personagem Capitu nas duas obras, posteriores a do romance realista, com o intuito de melhor compreendê-la.

PALAVRAS-CHAVE: Dom Casmurro. Bentinho. Capitu. Memórias. Audácia.

ABSTRACT: The aim of this work was to visualize the intertextual relations existing in the works: *Capitu Posthumous Memories* (2005), by Domício Proença Filho, and *The Audacity of this Woman* (1999), by Ana Maria Machado, with the work *Dom Casmurro* (1899), by Machado de Assis. From second-hand literature, the creation of such works took place, while Proença Filho in his narrative works directly with Machado de Assis's version, bringing a rereading of the classic novel and giving voice to the enigmatic character Capitu. Maria Machado works with real history and partly with fiction, mixing the past and the present, questioning the story told by Bentinho and seeking to unveil the truth behind Capitu's image as an adulteress. So, the main focus of this article is to address the representation of the character Capitu in the two works, subsequent to the realist novel, in order to better understand her.

KEYWORDS: Dom Casmurro. Bentinho. Capitu. Memories. Audacity.

¹Graduando em Licenciatura em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA, e-mail...

² Mestre em Letras: Literatura Portuguesa (UERJ). Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas: Literatura Portuguesa (UFRJ) Docente do curso de Letras no Centro de Estudos Superiores de Tefé, da Universidade do estado do Amazonas – UEA.

INTRODUÇÃO

A personagem Capitu, do clássico *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, tem sido objeto de fascínio e debate desde a publicação do romance no final do século XIX. Sua enigmática natureza e a ambiguidade em torno de sua suposta traição geraram inúmeras interpretações e reinterpretações ao longo dos anos. Diante disso, certos leitores sentem a necessidade da apresentação do ponto de vista de Capitu, e através da exploração das obras literárias contemporâneas, *A Audácia dessa Mulher*, de Ana Maria Machado, e *Capitu: Memórias Póstumas*, de Domício Proença Filho, é possível trazer sua perspectiva dos fatos.

Ambas as obras oferecem visões únicas sobre Capitu, permitindo que ela apresente seu próprio olhar. Ao analisar essas duas representações o trabalho se propõe a entender a relação intertextual criada com *Dom Casmurro*, abrangendo a diferença dos autores na interpretação e retratação da mesma personagem, mostrando como isso reflete as mudanças nas atitudes sociais e culturais ao longo do tempo. Assim, apontando as lacunas existentes na narrativa de Bento Santiago sobre a possível traição cometida por Capitu em *Dom Casmurro*, discorrendo sobre a Capitu na escrita de Domício Proença Filho, pontuando a intertextualidade presente na obra, assim como em *A Audácia dessa Mulher* e a representação da personagem na narrativa de Ana Maria Machado.

Esta pesquisa se deu através de estudos bibliográficos, se esteando nas leituras dos livros que foram base para a elaboração do trabalho, além de trabalhar com artigos, análises e reflexões da produção de autores diversos que discutem sobre a personagem Capitu. A primeira fase teve como foco a leitura e a análise dos livros objetos de estudo da presente pesquisa, onde buscou-se entender e trazer para os leitores a perspectiva de Capitu. A segunda etapa baseou-se na leitura e estudos de teorias de escritores e ensaístas que mencionavam e analisavam a personagem criada por Machado de Assis, a fim de juntar as mais diversas fontes que poderia fortalecer o ponto defendido dentro da pesquisa de grande relevância para a colocação da personagem em outro patamar. E a terceira fase teve foco a produção e escrita do presente artigo.

Levando em consideração todas as leituras selecionadas que foram feitas para fundamentar esta pesquisa, procurou-se aprofundar os conceitos e discussões relacionadas as perspectivas de Capitu para poder contribuir para com a literatura e

de certa forma desvendar os olhos oblíquos da mesma, ainda que não somente pela escrita de Machado de Assis.

1 CAPITU ATRAVÉS DE *DOM CASMURRO*

Capitu, personagem considerada dentro da literatura brasileira como uma das mais emblemáticas, é por muitos leitores e até mesmo não leitores que já ouviram a respeito da história, tida como uma grande incógnita, uma vez que, dentro da obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, sua história é narrada por Bento Santiago (Bentinho), que muitas das vezes leva o leitor a pôr em dúvida o caráter da personagem: “Capitu, apesar daqueles olhos que o diabo lhe deu... Você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada. Pois apesar deles, poderia passar, se não fosse a vaidade e a adulação. Oh! A adulação!” (Assis, 1899, p. 42).

Dentro da narrativa única de Bentinho, fica difícil ter uma conclusão fechada a respeito da dúvida crucial que cerca a história de *Dom Casmurro*, “Capitu traiu ou não traiu o marido?”. Os autores Luiz Alberto Brandão de Santos e Silvana Pessoa de Oliveira no livro *Sujeito, tempo e espaço ficcionais: Introdução à teoria da literatura*, defendem que dentro do texto

Não existe olhar isento: quando abrimos nossos olhos, mesmo quando não há um desejo ou interesse explícito de ver algo, projetamos significados naquilo que vemos. Tais significados não são puramente individuais, mas condicionados por um certo modo de olhar que é cultural. Quando, por exemplo, pensamos que aquilo que está "no alto", ocupando um lugar "superior", possui mais valor do que aquilo que está "embaixo", em posição "inferior", estamos reproduzindo uma associação característica da cultura ocidental - oriunda, provavelmente, das oposições céu/terra e mente/corpo, típicas sobretudo da tradição cristã. Nossa percepção do espaço físico é, assim, mediada por valores (Santos, Oliveira, 2001, p. 69).

Diante de uma história e dependendo de qual for, os leitores podem por muitas vezes interpretar de diferentes formas das de outras pessoas que já leram a mesma narrativa, e isso acontece na maioria das histórias que têm lacunas e acabam sendo interpretativas, como é o caso de *Dom Casmurro*, no qual é apresentada somente uma versão dos fatos, gerando dúvidas a respeito. Assim fica evidente o fato da personagem Capitu e sua história serem complexas, merecendo um estudo aprofundado.

Dom Casmurro não é uma obra pós modernista uma vez que sua publicação se deu em 1899 no contexto do movimento literário realismo, no entanto Machado de Assis apresenta em sua escrita características que se adequam em alguns conceitos do pós-modernismo. Um exemplo disso é a desconstrução de uma verdade absoluta que, dentro da obra machadiana é feita a partir do momento em que o autor coloca o narrador em primeira pessoa com uma memória fragmentada, Bentinho. Essa relativização da verdade é um elemento central do Pós-Modernismo.

A escolha do narrador é evidentemente intencional e o leitor tem acesso à história que Bentinho experimentou, interpretou e expõe. Não vemos nem ouvimos Capitu; seu ponto de vista não é referido. Só o narrador Bentinho tem o direito de depor no processo a que submete Capitu. (...) Isso resulta em que a visão do espectador-leitor é limitada, pois o que ele vê é através do olhar e da palavra do narrador-personagem-interessado (Coutinho, 1997, p. 21).

O romance machadiano se torna um jogo de interpretações, apresentando ao leitor diferentes perspectivas e coexistindo com uma resposta indefinida, rompendo assim com a verdade única e universal, sendo fragmentada, diversa e aberta a múltiplas leituras. Machado demonstra um profundo conhecimento da linguagem e a utiliza como ferramenta para explorar as relações de poder e as contradições sociais da época. Essa manipulação da linguagem para fins críticos é outro aspecto marcante do Pós-Modernismo, que permite criticar e subverter as normas e convenções do discurso dominante, sem necessariamente se submeter a elas. Essa postura crítica é fundamental para a desconstrução de narrativas hegemônicas e a abertura de espaço para vozes marginalizadas que são frequentemente deixados de fora das narrativas tradicionais.

Machado teve mão de artista bastante leve para não se perder nos determinismos de raça ou de sangue que presidiriam aos enredos e estofariam as digressões dos naturalistas de estreita observância. Bastava ao criador de *Dom Casmurro* observar com atenção o amor próprio dos homens e o arbítrio da fortuna para reconstruir na ficção os labirintos da realidade. Pois, se a reflexão se extraviasse pelas veredas da ciência pedante do tempo, adeus aquele humor de Machado que joga apenas com os signos do cotidiano (Bosi, 1994, p. 180).

Com sua genialidade Machado de Assis navega com maestria pelas complexidades da realidade humana, residindo justamente nesse equilíbrio entre a observação perspicaz da realidade e a liberdade criativa na construção de seus

personagens e histórias, tecendo narrativas complexas e multifacetadas que exploram as profundezas da psique humana.

A narrativa de Machado de Assis joga com os valores culturais e sociais vigentes no período imperial, isto é, a condição feminina apresentada é clara: está presa ao estabelecido, conserva o padrão; mas no discurso reservado, no fluxo do pensamento, as personagens refutam, questionam os papéis que lhes são impostos na sociedade brasileira. Capitu é exemplo de mulher que transcende a definição de esposa, mãe e mesmo o estereótipo de mulher (Gualda, 2007, p. 161).

A história de *Dom Casmurro* é contada aproximadamente entre 1857 e 1875, naquela época havia um estereótipo em que as mulheres eram descritas como menos capazes que os homens, a sociedade lhes mandava serem “recatadas” e do lar, servindo com devida obediência seu pai e posteriormente seu marido, conseqüentemente elas eram sem voz, todas que fugiam dessa ideia eram tidas como mulheres ruins ou de má fama. Capitu rompeu com esse conceito de que a mulher deveria ser apagada, sendo marcada por uma personalidade forte, trazendo assim a concepção da mulher “real”. Segundo Ribeiro (2008, p.57)

O estereótipo de Capitu como mulher independente e ativa diante dos códigos sociais de sua época planifica a personagem a ponto de se esperarem dela as atitudes que de fato toma. Capitu torna-se mais complexa, no entanto, se comparada a Bentinho e ao seu "alto ego" narrador, Dom Casmurro. Transcende a figura da mulher moderna: passamos a torcer por ela, mesmo sem saber direito o que ela fez ou não.

Capitu consegue ser à frente do seu tempo e por muita das vezes se mostra uma mulher de atitude. O fato dela ser uma personagem ativa e que tem falas decisivas acaba sendo por muitos leitores visto como algo ruim para o julgamento de seu caráter, já que perante a época em que a história foi criada as mulheres eram apagadas e submissas aos homens, assim, o tempo e as circunstâncias não foram favoráveis à sua situação, fazendo com que a história tivesse até nos dias atuais muitos questionamentos pelo fios soltos encontrados na narrativa, levando o leitor a refletir se houve um caso extraconjugal na relação entre Capitu e Bentinho.

No entanto, assim como a história leva a questionar as atitudes de Capitu, é possível encontrar “brechas” na narrativa de Bento Santiago que fazem com que, quem quer que leia *Dom Casmurro* duvide da índole do narrador, questionando se realmente ele contou a verdade ou se tudo não passaria de uma invenção. Para Carvalho (2010)

O que realmente importa em Dom Casmurro é a reflexão a respeito do ciúme doentio dos impulsos de destruição e autodestruição, da inferioridade de moral, do lado egoísta e interesseiro do ser humano, do comportamento sadomasoquista que pode se instalar em relacionamentos amorosos de fundo neurótico e, sobretudo, da condição pessoal e social da mulher brasileira na segunda metade do século XIX. Em outras palavras, o que importa em Dom Casmurro é que ele provoca reflexões em torno da condição humana, especialmente da condição feminina (Carvalho, 2010, p.310).

O fato de a história ser dada a partir do subconsciente de Bentinho, muitos críticos e literários acreditam que tudo não passou de um delírio da sua mente, uma vez que, até nos dias atuais é possível ver homens com características semelhantes, machistas em sua essência, desconfiados e inseguros. Diante dessa problemática foram criadas algumas versões a partir da história machadiana, por leitores que acreditam na inocência de Capitu, como são os livros que serão explorados mais à frente.

Em muitos momentos no livro de Machado de Assis o leitor tende a duvidar de Capitu, uma vez que Bentinho apresenta fatos nos quais levam a acreditar na infidelidade da esposa, mas ao mesmo tempo pode-se também questionar os pensamentos de Bentinho e se ele estaria realmente certo sobre os suspeitos ou se tudo não passaria do fruto de alucinações pregado por sua mente. Um exemplo claro que apresenta ser “maior” prova de que Capitu tinha um caso com seu amigo é partindo de uma única cena, na qual acontece após a morte de Escobar momento em que Capitu vai consolar Sancha, esposa do morto, que se encontra aos prantos. A amada de Bentinho acaba por olhar para o corpo já em óbito do amigo do marido e derrama por ele uma lágrima, Bentinho perante a cena acaba por tomar o pensamento de que na verdade Capitu estaria ali sofrendo pelo amado e falecido amante.

Sancha quis despedir-se do marido, e o desespero daquele lance consternou a todos. Muitos homens choravam também, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...

As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a retinha também. Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã (Assis, 1899, p. 203).

Analisando sob essa ótica a narrativa de que Capitu traiu Bento Santiago acaba se tornando questionável uma vez que, ambos estavam ali diante de uma cena lastimável para eles e era de se esperar tristeza e choro, sentimentos proporcionais a quem vive o luto pelo falecimento de alguém, já que Escobar era um amigo muito querido e visto como se fosse um ente da família que teve sua vida ceifada de maneira tão trágica.

Essa desconfiança de Bentinho é um outro motivo questionável para a afirmação de que Capitu o traiu, uma vez que, em vários momentos o personagem apresenta um ciúme excessivo, basta analisar a primeira cena de ciúme de Bento Santiago por Capitolina, que se desenrola através de uma conversa com o agregado José Dias durante sua visita ao seminário onde Bentinho se preparava para ser padre. Nessa cena o jovem apaixonado por sua vizinha pergunta como ela está, no que ele responde de tal maneira que induz certa perturbação em Bentinho.

- Tem andado alegre, como sempre; é uma tontinha. Aquilo, enquanto não pegar algum peralta da vizinhança, que case com ela...

Estou que empalideci; pelo menos, senti correr um frio pelo corpo todo.

A notícia de que ela vivia alegre, quando eu chorava todas as noites, produziu-me aquele efeito, acompanhado de um bater de coração, tão violento, que ainda agora cuido ouvi-lo. [...] não esqueças que era a emoção do primeiro amor. Estive quase a perguntar a José Dias que me explicasse a alegria de Capitu, o que é que ela fazia, se vivia rindo, cantando ou pulando, mas retive-me a tempo, e depois outra ideia...

Outra ideia, não, - um sentimento cruel e desconhecido, o puro ciúme, leitor das minhas entranhas. Tal foi o que me mordeu, ao repetir comigo as palavras de José Dias: "Algum peralta da vizinhança". Em verdade, nunca pensara em tal desastre. Vivia tão nela, dela e para ela, que a intervenção de um peralta era como uma noção sem realidade; nunca me acudiu que havia peraltas na vizinhança, vária idade e feitio, grandes passeadores das tardes. Agora lembrava-me que alguns olhavam para Capitu - e tão senhor me sentia dela que era como se olhassem para mim, um simples dever de admiração e de inveja. Separados um do outro pelo espaço e pelo destino, o mal aparecia-me agora, não só possível, mas certo. [...] compreenderás que eu, depois de estremecer, tivesse um ímpeto de atirar-me pelo portão fora, descer o resto da ladeira, correr, chegar à casa do Pádua, agarrar Capitu e intimar-lhe que me confessasse quantos, quantos, quantos já lhe dera o peralta da vizinhança. Não fiz nada. Os mesmos sonhos que ora conto não tiveram, naqueles três ou quatro minutos, esta lógica de movimentos e pensamentos. Eram soltos, emendados e mal emendados, com o desenho truncado e torto, uma confusão, um turbilhão, que me cegava e ensurdecia (Assis, 1899, p. 116).

As suspeitas por parte dele só reforçam a ideia de que Bentinho na verdade estaria devaneando tais fatos e apresentando um ciúme doentio em um momento visto como doloroso, o velório do amigo confidente Escobar. Esse sentimento decorrente do ciúme excessivo que o personagem desde cedo apresentava por Capitolina é o

motor principal da narrativa e responsável por impulsionar a percepção do leitor sobre os fatos ocorridos na narrativa machadiana, assim quem quer que leia o livro é instantaneamente conduzido a dois caminhos diferentes, um que acredita fielmente no pensamento de Bentinho e que Capitu o teria traído com o seu então melhor amigo e a outra no qual compreende Capitu e Ezequiel como as maiores vítimas do advogado Dr. Bento Santiago, desacreditando na possibilidade da personagem ter sido infiel.

Um outro fator que pesa para o julgamento do narrador é uma cena que acontece um dia antes do falecimento de Escobar, o marido de Capitu discorre sobre um momento vivido entre ele e a melhor amiga da esposa, Sancha, onde acontece uma troca de olhar no qual segundo ele, ela o corteja, Bento confessa ao leitor que acaba se sentindo atraído ainda que, depois sinta culpa por tal sentimento.

Sancha ergueu a cabeça e olhou para mim com tanto prazer que eu, graças às relações dela e Capitu, não se me daria beijá-la na testa. Entretanto, os olhos de Sancha não convidavam a expansões fraternais, pareciam quentes e intimativos, diziam outra coisa, e não tardou que se afastassem da janela, onde eu fiquei olhando para o mar, pensativo. A noite era clara.

Dali mesmo busquei os olhos de Sancha, ao pé do piano; encontrei-os em caminho. Pararam os quatro e ficaram diante uns dos outros, uns esperando que os outros passassem, mas nenhuns passavam. Tal se dá na rua entre dois teimosos. A cautela desligou-nos, eu tornei a voltar-me para fora. E assim posto entrei a cavar na memória se alguma vez olhara para ela com a mesma expressão e fiquei incerto. [...] Quando saímos, tornei a falar com os olhos a dona da casa. A mão dela apertou muito a minha, e demorou-se mais que de costume.

A modéstia pedia, então, como agora, que eu visse naquele gesto de Sancha uma sanção ao projeto do marido e um agradecimento. Assim devia ser, mas o fluido particular que me correu todo o corpo desviou de mim a conclusão que deixo escrita. Senti ainda os dedos de Sancha entre os meus, apertando uns aos outros. Foi um instante de vertigem e de pecado. [...] Assim refletiria se pudesse, mas a princípio vaguei à toa. Paixão não era, nem insinuação. Capricho seria, ou quê? Ao fim de 20 minutos era nada, inteiramente nada. O retrato de Escobar pareceu falar-me; vi-lhe a atitude franca e simples, sacudi a cabeça e fui deitar-me (Assis, 1899, p. 198).

A ambiguidade no livro de Machado de Assis é um fator muito importante e decisivo quanto às interpretações perante o texto, assim o leitor é levado a crenças distintas sobre o tema central de *Dom Casmurro* que é a possível traição por parte da personagem feminina. Essa mesma ambiguidade na escrita machadiana levanta a possibilidade de que possivelmente o personagem estaria projetando em sua esposa tais sentimentos que tinha em si mesmo, uma vez que, dentro do livro ele se sente atraído pela esposa de seu melhor amigo e na tentativa de reprimir suas emoções,

inseguranças e ciúmes, fantasia em Capitu uma possível relação amorosa com Escobar, acusando-a de traição.

Retomando ao pensamento que se propõe a entender como alucinação, Bentinho usa do discurso da aparência, de que menino Ezequiel possuía a semelhança de Escobar para dar a ideia de que foi traído, mas o próprio narrador em um diálogo com o pai da melhor amiga de Capitulina vive um momento parecido, na adolescência em uma conversa com o pai de Sancha o senhor pontua que Capitu poderia facilmente ser a reencarnação da falecida mulher, uma vez que elas se pareciam em muito e até mesmo o vizinhos e conhecidos ao ver a moça e o quadro acabam por concordar com a semelhança.

Gurgel, voltando-se para a parede da sala, onde pendia um retrato de moça, perguntou-me se Capitu era parecida com o retrato. Um dos costumes da minha vida foi sempre concordar com a opinião provável do meu interlocutor, desde que a matéria não me agrava, aborrece ou impõe. Antes de examinar se efetivamente Capitu era parecida com o retrato, fui respondendo que sim. Então ele disse que era o retrato da mulher dele, e que as pessoas que a conheceram diziam a mesma coisa. Também achava que as feições eram semelhantes, a testa principalmente e os olhos. Quanto ao gênio, era um, pareciam irmãs. -Finalmente, até a amizade que ela tem a Sanchinha; a mãe não era mais amiga dela... Na vida há dessas semelhanças assim esquisitas (Assis, 1899, p. 146).

Assim, o discurso sobre a aparência do filho com o melhor amigo cai por terra quando lembrada a semelhança de Capitu e a mãe de Sancha e como isso não define relação alguma e nem confirma uma possível traição. Bentinho não apresenta nenhum fato concreto que comprovasse a teoria criada por ele, não havendo evidências como testemunhas, cartas ou confissões sobre a infidelidade da esposa. Assim, o elemento da aparência dentro do texto se mostra um fator relevante para reforçar a ideia de que Capitu foi infiel mas não se apresenta como decisivo para tal julgamento.

Dom Casmurro se destaca como um romance complexo e multifacetado, que transcende a simples história de um ciúme. A ambiguidade presente na narrativa e a ausência de respostas definitivas permitem diversas interpretações, convidando o leitor a uma jornada de reflexão sobre a memória, a verdade, a natureza humana e as relações sociais. Partindo disso, a possibilidade de trazer versões contadas por Capitu contribui para a expansão de teorias acerca da narrativa machadiana.

A grandiosidade de Machado de Assis na literatura se mostra de várias formas, seja pelo reconhecimento como, um dos maiores escritores literários do Brasil, seja

por suas obras famosas no mundo todo. A forma como ele cria personagens complexos e multifacetados faz com que quem quer que leia seu livro e aprecie sua arte entre num debate sobre o que o seu texto se propõe, como é o caso daqueles que através do livro *Dom Casmurro* levantam hipóteses e discursos a fim de tentar de certa forma elucidar o mistério que assombra a narrativa ou levar outras possibilidades aos leitores, com o propósito de possibilitar a compreensão de todo o complexo que entrelaça a narrativa, podendo ser chamada ou entendida como a literatura de segunda mão, como é o caso dos livros *Capitu Memórias Póstumas* de Domício Proença Filho e *A Audácia dessa Mulher* de Ana Maria Machado, que são “obras derivadas de uma obra anterior, por transformação ou por imitação. [...] que se escreve através da leitura, o lugar e a ação no campo literário geralmente” (Genette, 2009, p. 7).

A literatura de segunda mão presente nas obras de Filho e Machado estão intrincadas na relação entre o texto de Assis e as maneiras pela qual eles o influencia, transforma e enriquece mutuamente. Segundo Genette (2009, p. 9)

até certo grau, a hipertextualidade é um aspecto universal da literariedade: não existe obra literária que não evoque (até certo ponto e de acordo com como é lida) outra obra literária, e nesse sentido, todas as obras são hipertextuais. Mas algumas obras são assim mais do que outras (ou mais visível, massiva e explicitamente que outras).

Através da intertextualidade as narrativas podem ser entrelaçadas, interconectadas e reimaginadas de diversas formas com a presença explícita ou implícita de um texto dentro de outro, se manifestando na forma de citações, alusões, paródias, pastiches ou até mesmo simples ecos de estilo ou linguagem, essa relação intertextual acontece nos dois romances contemporâneos de Proença Filho e Maria Machado, explorados no presente trabalho.

1. 2 CAPITU MEMÓRIA PÓSTUMAS

“Todo objeto pode ser transformado, toda forma pode ser imitada, nenhuma arte por natureza escapa a esses dois modos de derivação que definem a hipertextualidade na literatura e que, mais genericamente, definem todas as práticas artísticas de segunda-mão, ou hiperartísticas” (Genette, 2009, p. 126).

Em *Capitu Memórias Póstumas* é apresentado ao leitor o ponto de vista de capitulina, personagem silenciada em *Dom Casmurro*. Se com a escrita de Machado de Assis o leitor tem a versão do homem, contando ali suas inseguranças e desconfianças, na de Domício Proença Filho encontra-se a perspectiva da mulher, seu sofrimento ao ser acusada injustamente de traição, a exposição de seus sentimentos, desejos e frustrações. Com a releitura da obra do realismo literário, Proença Filho lança um olhar alternativo sobre os acontecimentos do romance original, convidando o leitor a reconsiderar a culpabilidade da personagem e se aprofundar na reflexão sobre o ciúme e a obsessão, temas centrais em *Dom Casmurro*.

Com a palavra, a personagem pontua que, já em vida póstuma, ao saber da história contada pelo seu ex-marido ficou a princípio indignada, mais tarde e mais acalmada analisou as palavras e as intenções de Dr. Bento Santiago e assim a história qual narra é o resultado de uma análise feita a fim de cumprir a missão que a ela foi dada, a de trabalhar na direção da afirmação do discurso da mulher (Proença Filho, 2005, p. 12).

Capitu, na versão feita por Proença Filho, atua como sua própria defensora ao comentar fatos já narrados no livro de Machado de Assis, se defendendo das acusações feitas pelo seu agora ex-marido e apontando os erros cometidos por Bento Santiago desde sua juventude até o casamento, como as cenas de ciúmes em excesso, a falta de comunicação e diálogo entre o casal e como ele não externava seus sentimentos, tanto os conflituosos como não demonstravam ser realmente apaixonado por ela.

Em sua escrita Domício tece um diálogo intertextual rico e instigante, para além de apresentar uma releitura ousada do clássico romance *Dom Casmurro*, oferecendo uma nova interpretação dos eventos. Knoll (2010) entende a intertextualidade como “importante recurso de linguagem, evidenciando o dialogismo, sendo esse último um conceito central do pensamento bakhtiniano, princípio de construção da linguagem, dos discursos, dos sujeitos e, inclusive da vida”.

Esse fenômeno recursivo na linguagem humana em *Capitu Memórias Póstumas* se constrói através de um diálogo constante entre as duas vozes narrativas: a de Bentinho em *Dom Casmurro* e a de Capitu na obra de Proença Filho, o autor utiliza diversos recursos para estabelecer esse diálogo. Um deles é o uso da paródia.

A paródia é, pois, na sua irônica «transcontextualização» e inversão, repetição com diferença. Está implícita uma distanciação crítica entre o texto em fundo a ser parodiado e a nova obra que incorpora, distância geralmente assinalada pela ironia. Mas esta ironia tanto pode ser apenas bem humorada, como pode ser depreciativa; tanto pode ser criticamente construtiva, como pode ser destrutiva. O prazer da ironia da paródia não provém do humor em particular, mas do grau de empenhamento do leitor no «vaivém » intertextual (Hutcheon, 1985, p.48).

A paródia é um diálogo intertextual que contesta e redefine a tradição, revelando sua construção e abrindo espaço para novas interpretações, nesse tipo de intertextualidade o texto fonte não sofre alteração na sua estrutura, modificando apenas o conteúdo. Dentro do romance de Proença a paródia ocorre através das cenas e frases célebres reescritas diferente de *Dom Casmurro*, subvertendo o sentido original.

Não há como fugir dos fatos. Vivemos, eu e Bentinho, uma realidade comum, em vários aspectos relata no seu livro. Ao retomá-la, reproduzirei com frequência e por vezes literalmente passagens de seu texto, para não me acusarem de falsear o que aconteceu, e, sempre que tal ocorrer situarei para maior destaque e para a garantia de distanciamento, suas palavras entre aspas (Proença Filho, 2005, p. 15-16).

No texto de Domício Proença a paródia é usada com o objetivo de retorcer o texto original através da crítica à narração de Dr. Bento Casmurro, mantendo sua estrutura base o texto recebe uma nova perspectiva através da narração de Capitu. A intertextualidade também está presente dentro da obra com o uso da alusão. Segundo Torga alusão é:

a estratégia mediadora dos movimentos da intertextualidade, e de forma sutil, perturbadora e criadora produz o movimento de ir, vir e devir e exige do leitor um compromisso com a construção da narrativa, que tem uma história e precisa se por ele reconstruída mnemonicamente (Torga, 2001-2006).

Dentro da narrativa é possível identificar quando Capitu usa-se de recortes integrais de passagens do romance original de Machado de Assis ao longo da narrativa, convidando o leitor a reconhecer as conexões entre as duas histórias, como os momentos em que a narradora se utiliza de citações de leituras canônicas que são encontradas em *Dom Casmurro*.

E há também o uso da citação direta, com a utilização de trechos do romance original o enredo básico de *Capitu Memórias Póstumas* é predominado pela narrativa do agora ex-marido, inclusive, as composições estruturais das obras são bem

semelhantes se igualando na intitulação dos capítulos com a presença apenas de números romanos. No entanto, com a escrita de Domício Proença Filho é reproduzido uma nova narrativa, muitas vezes com comentários ou interpretações diferentes de Capitu.

De acordo com Hutcheon (apud Balduino Silva, 2023, p. 94–114) “a metaficção historiográfica questiona a verdade colocada pela historiografia oficial e aponta que há verdades, contadas agora pela voz daqueles personagens apagados e silenciados pelas histórias oficiais”.

O autor desafia a ideia de uma narrativa linear e coesa, expondo contradições e desmascarando a construção social da “verdade”, explorando a interconexão entre literatura e história a fim de questionar suas representações e revelar suas múltiplas interpretações. A obra *Capitu Memórias Póstumas* serve como ferramenta para tecer críticas à obra original. Proença Filho questiona a visão unilateral de Bentinho, a falta de confiabilidade em seu relato e a ausência de voz para Capitu.

A forma mais rigorosa da paródia, ou paródia minimal, consiste então na apreensão literal de um texto conhecido para dá-lo um significado novo, jogando com a essência e se possível com as próprias palavras [...]. A paródia mais elegante, porque a mais econômica, não é outra senão uma citação desviada de seu sentido ou simplesmente de seu contexto e de seu nível de dignidade [...]. (Genette, 2007, p. 35).

A nova narrativa convida o leitor a questionar as verdades estabelecidas em *Dom Casmurro* e a buscar uma compreensão mais complexa e justa da história. Um exemplo claro disso é em uma cena que é narrada por Bentinho em *Dom Casmurro* e que Capitu disserta sobre em *Memórias Postumas*, dada ainda na adolescência quando o amado se encaminhava para ser padre, e ambos não queriam isso, Capitu no ápice de seu amor por ele fala no desespero que, se ela tivesse dinheiro ele fugia.

— Se eu fosse rica, você fugia, metia-se no pacote e ia para a Europa. Dito isto, espreitou-me os olhos, mas creio que eles não lhe disseram nada, ou só agradeceram a boa intenção. Com efeito, o sentimento era tão amigo que eu podia escusar o extraordinário da aventura. Como vês, Capitu, aos quatorze anos, tinha já ideias atrevidas, muito menos que outras que lhe vieram depois; mas eram só atrevidas em si, na prática faziam-se hábeis, sinuosas, surdas, e alcançavam o fim proposto, não de salto, mas aos saltinhos (Assis, 1899, p. 43).

Algo que deveria ser visto de forma romântica e heróica é por ele tratado em *Dom Casmurro* como um indício negativo da personalidade de Capitu e mais tarde

usada pra julgar o seu caráter, instigando o leitor a pensar que ali ela já apresentava sinais de dissimulação, porque tal coisa não era o certo a se falar quanto mais pensar em fazer. A presença da intertextualidade em momentos da narrativa como esse contribui para aprofundar a reflexão sobre o ciúme e a obsessão. Capitu mostra como sempre teve mais atitude que o seu vizinho e como isso de certa forma influenciou para que no futuro seu marido usasse isso para julgar seu caráter de maneira negativa. No entanto, ela mostra ao leitor que fazia tudo isso em nome do amor que tinha por Bentinho e de como o fato dela expressar isso bem mais que ele fazia com que a duvidasse dos sentimentos do filho de D. Glória. Um exemplo claro disso é após ocorrer o primeiro beijo entre eles que ela comenta no manuscrito:

Ele nada disse sobre o que havia sentido; sequer comentou o que acontecera; só falou de suas apreensões, como se tivesse cometido o mais mortal de todos os pecados. Naquele momento, passou por mim a sombra de um desencanto: ele sequer se preocupou com o que se passava comigo... ele não gosta de mim, como eu gosto dele (Proença Filho, 2005, p. 85).

Em muitos momentos como esse é Capitu que mostra atitude, e o Bentinho sempre reservado ou apreensivo de que fossem pegos acaba por nunca demonstrar em atitudes que realmente estava apaixonado por Capitu como ela aparentava para ele. Através de suas memórias, a obra apresenta uma mulher complexa e sensível, vítima das injustiças e preconceitos da sociedade patriarcal. Capitu contesta as interpretações de Bentinho, apresentando sua própria versão dos fatos e lança luz sobre os mal-entendidos e as manipulações que permeiam a história.

A releitura de Domício Proença Filho oferece uma nova perspectiva sobre um dos romances mais importantes da literatura brasileira, possibilitando que quem quer que leia possa refletir sobre temas como ciúme, obsessão, memória, verdade e a confiabilidade do narrador original. A intertextualidade rica e instigante da obra possibilita um mergulho profundo na história de Capitu e Bentinho, abrindo espaço para novas interpretações, questionando os modelos patriarcais de relacionamento que limitam a liberdade das mulheres e as submetem ao julgamento da sociedade.

2. 2 A AUDÁCIA DESSA MULHER

O livro *A Audácia Dessa Mulher* apresenta uma narrativa envolvente e reflexiva, entrelaçando ficção e realidade, homenageando e questionando a obra de Machado

de Assis, subvertendo estereótipos e lançando luz sobre a complexa relação entre homens e mulheres na sociedade patriarcal.

A história é reinterpretada sob uma perspectiva feminista, expondo as contradições e injustiças presentes no romance original. A protagonista do livro de Ana Maria Machado, é uma jornalista experiente e independente que questiona a narrativa de Bentinho e ao decorrer da história busca desvendar a verdade por trás da imagem de Capitu, a enigmática esposa de Bentinho em *Dom Casmurro*. Logo no início da obra, no capítulo 2 (dois) o leitor tem uma perspectiva do pensamento da personagem Bia, sobre a veracidade da possível traição de Capitu, defendendo a ideia de que Machado de Assis nunca afirmou em sua escrita tal infidelidade por parte da personagem.

Nunca! Ele jamais afirma uma coisa dessas! O que o Machado conta é como Bentinho achava isso... É só uma versão, e de uma parte interessada. Não há um único elemento de certeza, só desconfianças... [...] E é ele quem conta a história, assumidamente em primeira pessoa, e vai passando magistralmente suas impressões para o leitor, como se fossem fatos. Mas a gente só tem a versão dele. Ninguém garante que é verdade (Machado, 1999, p. 17).

O texto de Maria Machado subverte o tradicional narrativo masculino presente em *Dom Casmurro*, dando voz a uma mulher que se recusa a aceitar as interpretações de Bentinho como verdades absolutas, questionando a confiabilidade do narrador original, expondo suas contradições e revelando as falhas em seu raciocínio lógico. Através de sua análise crítica, a personagem demonstra a importância da pluralidade de perspectivas na construção da verdade.

Dentro da narrativa existem três personagens que chamam a atenção do leitor. Beatriz, protagonista mulher, que pode ser vista com a representação feminina do século XXI, empoderada e livre das convenções sociais, prova disso é a forma como vive, sem habilidades para ser uma dona de casa ou dote culinário para cozinhar, ela é uma jornalista que mora sozinha e viaja o mundo a trabalho, além de viver um relacionamento aberto com Fabrício.

“No século XIX não era igual a hoje. Uma jovem solteira não podia ficar tanto tempo conversando sozinha com um homem que não fosse de sua família. No máximo, trocavam algumas frases” (Machado, 1999, p.19).

A protagonista de Ana Maria Machado foge do estereótipo que normalmente é empregado nas mulheres pela sociedade, enquanto em *Dom Casmurro*, é

apresentado uma mulher que, ainda que seja a frente do seu tempo, se mostra muitas das vezes submissa ao seu marido, Beatriz de *A Audácia dessa Mulher*, questiona e retruca aquilo que não é por ela concordado, diferente da protagonista de Machado de Assis. Aqui temos uma mulher livre que não precisa estar acompanhada de um homem para sair e ser bem vista pela sociedade, como é o caso da história de *Dom Casmurro*, no qual as as moças não podiam sair na rua sozinhas se não eram vistos com maus olhos. Apesar de que, as mulheres do século XXI muitas das vezes sofrem certo preconceito por não serem casadas ou ainda não terem filhos. “A mulher carrega uma culpa ancestral, desde a primeira. [...] O tempo passou e a mulher continua carregando culpa” (Tamura, 2022, s.p).

Em contramão se tem a Ana Lúcia, uma mulher que ainda seja do mesmo século de Bia, vive nos moldes do sistema patriarcal, quando o leitor a conhece na história ver que ela tem um noivo possessivo e machista, em um diálogo com a Bia, fica evidente o grau de ciúme obsessivo existente em seu parceiro:

[...] chegou com os olhos vermelhos por trás dos óculos escuros. Sentou-se no sofá e se debulhou em lágrimas, contando entre soluços a cena da véspera. O noivo tinha gritado com ela, chamado de ordinária, até ameaçado dar uns safanões, por causa de um sujeito que eles tinham encontrado num bar, na saída do cinema. — Eu não sei nem o nome do cara, Bia! Ele é que conhece, é amigo de um pessoal com quem ele anda... A gente só sentou naquela mesa porque o bar estava cheio e eles chamaram o Giba, dizendo que tinha lugar lá. [...] Entre lágrimas, a moça continuava: — [...] foi brigando comigo até em casa, dizendo que não é palhaço, que mulher dele não faz uma coisa dessas, que ele não admite, que só não quebrou a cara do sujeito porque os outros não deixaram, que de outra vez ele acaba comigo, e não sei que mais... Tudo aos berros, me mandando calar a boca cada vez que eu queria falar. [...] Não posso nem conversar com as pessoas e o Giba já vem fazendo esse auê... — concluiu Ana Lúcia, agora raivosa.

[...] Quer que eu pare de trabalhar geral. Não quer nem que eu faça o concurso. Diz que não dá certo esse negócio de mulher trabalhando [...]. Vive dizendo que quando a gente casar eu vou ter que ficar em casa. Ou então, se tiver mesmo muita necessidade de trabalhar, vai ter que ser ali por perto, num lugar que ele escolher. (Machado, 1999, p. 42)

Esse tipo de acontecimento é algo recorrente na atual sociedade, as mulheres são vistas como objetos e tidas como posse dos homens. Muita das vezes as mulheres abrem mão de suas carreiras em troca de seu casamento, assim passando a cuidar de casa e dos filhos e aquelas que não fazem isso são julgadas e condenadas moralmente pela sociedade, “eles julgam se as mulheres estão à altura; eles permitem ou negam a entrada delas. Dão preferência a mulheres submissas e àquelas que se encaixam com perfeição” (Lenner, 2019, p. 35).

No entanto, existem exceções em que o homem que abre mão do seu trabalho e a mulher passa a ser a liderança de casa, e aí novamente ela se depara com um outro tipo de preconceito, o machista e enraizado na sociedade patriarcal que espera que o homem seja o provedor da família, quando a mulher rompe com essa ideia patriarcal e assume a posição de trabalhadora e liderança da família ela é novamente hostilizada. Assim, seja o que quer que a pessoa do sexo feminino faça ela na maioria das vezes é vista como errada. “A História das Mulheres é uma história de exclusão, de apagamentos, de sabotagens, de desvalorizações” (Lerner, 2019, p. 18).

Dentro da narrativa também há o Virgílio, personagem que acaba sendo um dos envolvimentos amorosos de Bia enquanto ela vive seu relacionamento aberto, o personagem ao contrário da protagonista é dotado de dotes culinários, com mania de organização e que cuida do seu lar, porém ao se envolver com Bia, ele terceiriza comentários machistas ao saber que a amada vive um relacionamento não monogâmico.

Porque eu não sou civilizado assim não, sabe? Nem um pouquinho, aliás. E se nós dois vamos ficar mesmo nos vendo mais vezes, saindo e tudo o mais, também tem uma coisa que eu quero que você saiba: não admito dividir mulher minha com ninguém. [...] — Quero você todinha, inteira, só pra mim, só minha, sempre... (Machado, 1999, p. 51).

Apesar de Virgílio apresentar características heterogêneas, sendo um ótimo dono de casa que limpa, que passa, que cozinha e por sinal um ótimo chefe de restaurante, desconstruindo assim essa ideia de que a cozinha é lugar das mulheres e que cuidar de casa é tarefa delas, ele também é um homem que carrega traços machistas ainda do patriarcal com a ideia de posse. Ainda que ele viva de modo similar a Bia, mesmo não estando em relacionamento algum, ao mesmo tempo em que Virgílio se envolve com ela, também se relaciona com outras mulheres, satisfazendo assim os seus desejos e suas vontades, tornando assim seu discurso contraditório e hipócrita uma vez que, ele espera que ela esteja ali vivendo em torno dele, não aceitando dividi-la com ninguém, mas se sentindo livre para se relacionar com outras pessoas.

Isso reflete diretamente nos dias atuais, o homem que se relaciona com várias mulheres é visto com um olhar positivo, enquanto a mulher que apresenta comportamentos iguais ou similares acaba recebendo julgamentos negativos e pejorativos. A obra em si faz refletir essa questão de como a Capitu foi julgada ao

passar dos tempos como uma mulher adúltera através do discurso inadequado do seu marido Bento Santiago, apenas por ele passar a ideia de que ela teria sido infiel ainda que, ele não tivesse certeza empregou sua desconfiança naquela que deveria ser sua amada e levou os leitores a pensar o mesmo, talvez pelo fato dele ser homem a sua ideia tenha ganhado mais força ainda.

Aos passos de Machado de Assis, a autora de *A Audácia dessa mulher* quando elege um narrador define um destino para o livro. Dom Casmurro se alimentou ao longo do tempo por um debate que é tido como central devido a atrair a atenção dos leitores, se discutindo se Capitu é culpada ou inocente e ignorando muitas das vezes a forma que Bento Santiago trata a mulher e o possível filho, além do ciúme fora do comum que ele apresenta desde cedo na narrativa. Isso é algo que historicamente está enraizado na sociedade que discorre desde a criação do mundo, é o que Gouveia em seu texto *Pandora, Eva e a culpa feminina*, aborda:

Eva e Pandora foram, em diferentes versões, a primeira mulher a habitar a terra. Ambas foram ideia de um criador (Deus ou Zeus) que as deu a vida com o objetivo de servir ao homem.

Ambos criadores apresentaram às mulheres um limite que não poderiam cruzar. A Pandora foi entregue uma caixa bonita que ela não poderia abrir, a Eva foi mostrada uma árvore cujos belos frutos vermelhos não poderiam ser comidos. Em ambos os casos, a desobediência resultaria em catástrofe.

[...] Um suposto temperamento irracional que seria “típico feminino” resulta na catástrofe que, por acaso, os criadores oniscientes não previram: Pandora abre a caixa e dela liberta todos os males do mundo, Eva come o fruto do conhecimento e cria o pecado original que justifica todo o sofrimento humano até hoje.

Esses são dois mitos que se encontram em vários aspectos e que trazem um significado em comum: a mulher como grande culpada de tudo. Até hoje, a constante de culpar a mulher está presente na nossa cultura e em tantas outras (Gouveia, 2019, s.p.).

A marca da culpa feminina é uma marca que se arrasta no ocidente a muito tempo, vindo desde o pecado original, um exemplo disso é Eva, que traz essa marca para dentro da nossa cultura. Esse tipo de julgamento e muitas vezes de pré-julgamento é partido da prática machista estruturada na sociedade, em especial a brasileira, que entende a mulher como inferior ao homem quando, mesmo ambos possuindo o mesmo cargo em um trabalho paga um salário desigual beneficiando aquele do sexo masculino, quando a mulher ao ser agredida pelo companheiro tem seu discurso invalidado por não receber justiça, quando um homem tem a liberdade de ser solteiro e fazer o que quiser mas se a mulher tem as mesmas atitudes é julgada e condenada pela sociedade.

Ana Maria Machado como uma grande autora que é, traduz isso quando dispensa a voz masculina e conta as passagens escolhidas do romance *Dom Casmurro* do ponto de vista da Capitu, filtrando dentro da narrativa aquilo que pode ser visto como uma falha de interpretação proposital ou não do Dr. Bento Santiago. O que se faz literariamente é a acareação entre os protagonistas Bentinho Casmurro e a audaciosa Capitu, usando uma nova narrativa para um confronto, contando o mesmo fato para que o leitor possa ter a possibilidade da imaginação e interpretação afim de ver quem traz dentro de si a razão e se há uma condenação ou absolvição.

A Audácia Dessa Mulher vai além da reinterpretação de *Dom Casmurro*, servindo como plataforma para reflexões sobre o feminismo e a condição feminina, explorando as lutas e conquistas das mulheres ao longo da história, destacando a importância da sororidade e da luta por uma sociedade mais justa e igualitária, podendo ser uma obra considerada instigante e provocadora, que leva a questionar crenças e a refletir sobre o papel da mulher na sociedade com uma narrativa envolvente, permeada por humor e ironia instiga a reflexão crítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do desenvolvimento da pesquisa foi possível argumentar a favor da intertextualidade presente nas obras *Capitu Memórias Póstumas* e *A Audácia dessa Mulher* por meio de *Dom Casmurro*. Por meio da análise das obras pode-se mostrar a evolução da personagem Capitu em sua releitura, passando de uma figura enigmática, onde seu esposo Bento Santiago o panfletava como uma mulher misteriosa e que escondia segredos, para uma personagem mais complexa e multifacetada, com desejos e frustrações, que foi silenciada e anulada.

A representação de Capitu em *Capitu Memórias Póstumas*, de Domício Proença Filho, leva o leitor a refletir as mudanças nas atitudes sociais em relação ao papel das mulheres na sociedade brasileira, que desde o princípio tiveram seu direito de fala negado, sendo julgas e submetidas a serem submissas ao homem. O aprofundamento na obra *A Audácia dessa Mulher*, de Ana Maria Machado, contribui para a reinterpretação da história de Capitu e para os debates sobre gênero e poder na literatura, mostrando uma Capitu mais autônoma em comparação com *Capitu Memórias Póstumas*, subvertendo e ironizando elementos do original para oferecer novas perspectivas e questionamentos.

Desse modo, este estudo é relevante não apenas para a compreensão da literatura brasileira e da evolução da representação feminina, mas também para a discussão mais ampla sobre o papel das mulheres na sociedade. Através desta análise, espera-se lançar uma nova luz sobre a enigmática Capitu e contribuir para a contínua discussão em torno de sua personagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, M, de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- BALDOINO SILVA, J. . **Por uma metaficção historiográfica dos contatos linguísticos na formação do português do Brasil**. Revista Odisseia, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 94–114, 2023. DOI: 10.21680/1983-2435.2023v8n1ID31608. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/31608>. Acesso em: 08 jun. 2024.
- BOSI, Alfredo. **O Contador de Histórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CARVALHO, C, de. **Dicionário de Machado de Assis: língua, estilo, tema**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- COUTINHO, Afrânio. **Estudo Introdutivo**. In: ASSIS, Joaquim Maria Machado de. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997. p. 19-32.
- KNOLL, Grazielle Frainer. **Intertextualidade: o anúncio publicitário como produto de relações dialógicas**. Rio Grande do Sul: UFSM, 2010, p. 190-195.
- LERNER, G. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.
- GOUVEIA, Nathalia. **Pandora, Eva e a culpa feminina**. QG Feminista, 18 de julho de 2019.
- GUALDA, Linda Catarina. **Representações do Feminismo em Dom Casmurro: O Silêncio de Capitu**. In: O Marrare. Revista da Pós-Graduação em Literatura Portuguesa, n. 9, ano 8. Rio de Janeiro: UERJ, 2008, p. 92-103.
- GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: A literatura de segunda mão**. Tradução de Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. São Paulo: Editora WMF, 2009.
- MACHADO, Ana Maria. **A audácia dessa mulher**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- RIBEIRO, I. **A serena vitória de uma anti-heroína**. In: **Discutindo a literatura**. São Paulo, ano 1, n. 1, P. 56-97, 2008.
- SANTOS, Luis Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. **Sujeito, Tempo e Espaço Ficcionalis: Introdução à Teoria da Literatura**. 1ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes - POD, 2020.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- PROENÇA FILHO, Domício. **Capitu memórias póstumas**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

TAMURA, Richely. **A culpa desde Eva**. 23 de fevereiro de 2022.

TORGA, Vânia Lúcia Menezes. **O movimento de sentido da alusão** [Dissertação]: uma estratégia textual da leitura de ler, escrever e fazer conta de cabeça, de Bartolomeu Campos Queiróz. Belo Horizonte: UFMG, 2001.